

Os (des)mandos do Fanfarrão

Uma análise histórico-literária da administração nas Minas Gerais Setecentistas

Resumo

As Cartas Chilenas, constituem uma espécie de “romance epistolar” em versos onde Citrilo descreve ao amigo Doroteu a corrupção e crueldade existentes na fictícia capitania de Chile. Os fatos narrados ao longo das treze cartas nada mais são do que a descrição do governo de d. Luís da Cunha Meneses, governador da capitania de Minas Gerais de 1783 a 1788. Com fina ironia o poeta e inconfidente Tomás Antônio Gonzaga vai arrolando comentários satíricos e mordazes contra o governo daquele que em seu texto nomeia Fanfarrão Minésio e, por intermédio da ironia Gonzaga descreve e critica os mandos e desmandos ocorridos nas Minas Gerais. O objetivo do trabalho é analisar as cartas e delas extrair elementos que nos mostrem o funcionamento da administração portuguesa em território brasileiro, durante o Setecentos.

Palavras-chave: crítica literária, corrupção, administração portuguesa, Brasil colônia

Abstract

The Chilean Letters, constitute a species of “romance to epistolar” in verses where Citrilo describes to the Doroteu friend the existing corruption and cruelty in the fictitious captainship of Chile. The facts told to long of the thirteen letters nothing more are of that the description of the government of d. Luís da Cunha Meneses, governor of the captainship of Minas Gerais of 1783 the 1788. With fine irony the poet and inconfidente Tomás Antonio Gonzaga go enrolling satirical commentaries and mordacious against the government of that in its text he nominates Minésio Braggart and, for intermediary of the Gonzaga irony he describes and he criticizes the mandos and disobediencies occurred in the Minas Gerais. The objective of the work is to analyze the letters and of them to extract elements that in show the functioning to them of the Portuguese administration in Brazilian territory, during the Seven hundred

Keywords: critical literary, corruption, Portuguese administration, Brazil colony

* Doutoranda em Letras na UNESP de São José do Rio Preto (SP).

Os (des)mandos do Fanfarrão

Uma análise histórico-literária da administração nas Minas Gerais Setecentistas

Luciana de Campos

O século XVIII na capitânia das Minas Gerais foi extremamente profícuo no que diz respeito às composições literárias sejam elas líricas ou satíricas. *Marília de Dirceu* foi uma das grandes expressões da poesia árcade composta por um dos maiores expoentes deste movimento Tomás Antônio Gonzaga¹ que além de poeta foi inconfidente e crítico dos mandos e desmandos políticos na Vila Rica² setecentista. Como poeta Gonzaga conseguia transpor para o papel de maneira singular a atmosfera bucólica em que vivia e ambientava seus poemas e assim transformar cada um deles em peças originais da poesia barroca brasileira. A Vila Rica do Setecentos congregava todos os elementos exigidos pelo poeta para realizar as suas criações literárias. Mas os dias de inspiração do poeta estavam comprometidos: não só o seu ofício de magistrado perderia toda a tranqüilidade como o lirismo de sua poesia se transformaria em uma sátira deveras mordaz para criticar aquele que viria a ser o governador de Vila Rica e por governar em meio à corrupção, ao apadrinhamento e em benefício próprio.

No ano de 1783 chega à Vila Rica D. Luís da Cunha Menezes, que por cinco anos foi governador exercendo durante esse tempo uma autoridade suprema, abusando de seu poder como se o mesmo fosse “divino”. Tendo portanto seu sossego de poeta e de funcionário público ameaçado Gonzaga nesse cenário vai construir uma das mais criativas e porque não dizer também divertida crítica feita por meio da poesia satírica a um governante e ao seu mandato. A *Cartas Chilenas*, uma espécie de romance epistolar escrito em versos onde Critilo recebe um poeta chileno um manuscrito onde narra os mandos e desmandos de um governante que nomeia Fanfarrão Minésio – nome esse que, foneticamente assemelha-se a Menezes! – um governador inescrupuloso que abusando de seu cargo governa com autoritarismo favorecendo apenas aqueles que lhe são próximos e, construindo uma reputação de corrupto e de fanfarrão como o poeta o descreve.

Essas Cartas Chilenas chegaram as mãos do poeta como ele mesmo descreve pelas mãos de um cavaleiro instruído nas humanas letras e que confia ao poeta as descrições do governo do Fanfarrão Minésio na capitania de Chile como está narrado na primeira parte das *Cartas*:

Amigo leitor, arribou a certo porto do Brasil, onde eu vivia, um galeão, que vinha das Américas espanholas. Nele se transportava um mancebo, cavaleiro instruído nas humanas letras. Não me foi dificultoso travar com ele uma estreita amizade, e chegou a confiar-me os manuscritos, que trazia. Entre eles encontrei as Cartas chilenas, que são um artificioso compêndio das desordens, que fez no seu governo Fanfarrão Minésio, general de Chile.

Logo que li estas Cartas, assentei comigo que as devia traduzir na nossa língua, não só porque as julguei mercedoras deste obséquio, pela simplicidade do seu estilo, como, também, pelo benefício que resulta ao público, de se verem satirizadas as insolências deste chefe, para emenda dos mais, que seguem tão vergonhosas pisadas.

Iniciando a sua narrativa Gonzaga trava um contato com o leitor explicando como as Cartas chegaram às suas mãos e da amizade que estabeleceu com o autor de tal obra. No primeiro parágrafo o poeta fala de um “compêndio das desordens” realizadas pelo Fanfarrão Minésio e que esse é o tema do manuscrito que tem em mãos e que achou que a sua tradução seria mais do que um ato de amizade por quem as ofereceu, seria uma oportunidade de mostrar ao público em geral para que esse tomasse contato com uma sátira simples mas bem elaborada a um governante e ao seu governo. Implicitamente podemos compreender essa atitude do poeta Gonzaga como uma vontade de que o povo ria das arbitrariedades cometidas pelo governante e que rindo pare para refletir sobre os acontecimentos e passe a exigir mais respeito. Intuito esse que talvez não tenha obtido mas conseguiu outro: D. Luiz da Cunha Menezes como todo governante autoritário irritou-se com as sátiras feitas à sua pessoa e à sua administração. Mas tamanha irritação de nada ou quase nada adiantaria pois, tanto os descontentes com o seu governo como o povo que tomou conhecimento da sátira realizada por Gonzaga foram mais fortes perpetuando assim essa narrativa que mais do que entreter e fazer rir revela importantes dados acerca da administração arbitrária e autoritária cometida por magistrados nomeados pela coroa portuguesa em solo brasileiro, principalmente naquele em que concentrava os

interesses: a mineração gerava lucros imensos obrigando a todos a concentrar-se somente na busca de pedras e metais preciosos sendo impedidos de dedicar-se à agricultura e à pecuária obrigando os habitantes das Minas Gerais a dedicarem-se à uma “cultura de quintal” onde naquele espaço eram cultivados gêneros alimentícios que não necessitavam de grandes cuidados como a mandioca, o quiabo, a abóbora e a uma pequena criação de porcos e frangos. Nesse cenário de riqueza mas de profunda corrupção o poeta encontra o motivo para compor uma obra que possuía o intuito de criticar e ridicularizar a figura do governante e de certa forma expor a opinião sobre tal indivíduo de alguém que sentiu-se prejudicado e que encontrou na sátira uma forma de exteriorizar o que sentia frente a tantos desmandos.

Uma análise das Cartas Chilenas

A Primeira Carta incia-se com Critilo chamando seu amigo Doroteu para ouvir e com ele comentar as inúmeras atrocidades que foram cometidas pelo Fanfarrão Nesta primeira carta Critilo vai descrever a chegada do General Minésio em Chile:

CARTA Iª

Em que se descreve a entrada que fez Fanfarrão em Chile.

Que abraçando os navios com as longas,
Robustas barbatanas, os suspendem,
Inda que o vento, que d'alheta sopra,
Lhes inche os soltos, desrinzados panos?
Não queres que te informe dos costumes
45 -- Dos incultos gentios? Não perguntas
Se entre eles há nações, que os beijos furam?
E outras que matam, com piedade falsa,
Aos pais, que afrouxam ao poder dos anos?
Pois se queres ouvir notícias velhas
50 -- Dispersas por imensos alfarrábios,
Escuta a história de um moderno chefe,
Que acaba de reger a nossa Chile,
Ilustre imitador a Sancho Pança.
E quem dissera, amigo, que podia
55 -- Gerar segundo Sancho a nossa Espanha!
Não cuides, Doroteu, que vou contar-te
Por verdadeira história uma novela
Da classe das patranhas, que nos contam
Verbosos navegantes, que já deram
60 -- Ao globo deste mundo volta inteira.
Uma velha madrasta me persiga,
Uma mulher zelosa me atormente,
E tenha um bando de gatunos filhos,
Que um chavo não me deixem, se este chefe
65 -- Não fez ainda mais do que eu refiro.

Iniciando esta Primeira Carta com uma espécie de convite tanto para o seu interlocutor Doroteu como para todos os leitores, o autor pergunta se querem conhecer os costumes dos “incultos gentios”, uma referência aqueles em quem não se pode confiar de maneira alguma e que são capazes de qualquer coisa para conseguirem o que almejam. Depois desta referência o autor convida a ouvir a história de um moderno chefe que até aquele momento governou Chile e que pode ser igualado a Sancho Pança, o fiel escudeiro de Dom Quixote. A comparação com um escudeiro gordo, bonachão que imortalizou-se por personificar o bom senso do homem comum em contraponto ao idealismo de seu senhor é mais um ponto a ser satirizado, pois já é possível antever que bom senso não é o forte do Fanfarrão. Gonzaga nas últimas linhas faz uma referência a veracidade dos fatos que vai narrar ao longo das cartas dizendo que se tudo o que ele narra é ainda muito pouco perto de tudo aquilo que o general chileno realmente fez. Pedindo que seja perseguido por uma velha madrasta, uma mulher zelosa e que os filhos roubem tudo o que ele tem o poeta inicia assim a narrativa da saga de corrupção que assolou Vila Rica por cinco anos.

CARTA 2ª

Em que se mostra a piedade que Fanfarrão fingiu no princípio do seu governo, para chamar a si todos os negócios.

Apenas, Doroteu, o nosso chefe
65 -- As rédeas manejou, do seu governo,
Fingir-nos intentou que tinha uma alma
Amante da virtude. Assim foi Nero.
Governou aos romanos pelas regras
Da formosa justiça, porém logo
70 -- Trocou o cetro de ouro em mão de ferro.
Manda, pois, aos ministros lhe dêem listas
De quantos presos as cadeias guardam,
Faz a muitos soltar e aos mais alenta
De vivas, bem fundadas esperanças.
75 -- Estranha ao subalterno, que se arroga
O poder castigar ao delinqüente
Com troncos e galés; enfim ordena
Que aos presos, que em três dias não tiverem
Assentos declarados, se abram logo
80 -- Em nome dele, chefe, os seus assentos.
Aquele, Doroteu, que não é santo,
Mas quer fingir-se santo aos outros homens,
Pratica muito mais, do que pratica
Quem segue os sãos caminhos da verdade.
85 -- Mal se põe nas igrejas, de joelhos,
Abre os braços em cruz, a terra beija,
Entorta o seu pescoço, fecha os olhos,
Faz que chora, suspira, fere o peito,
E executa outras muitas macaquices

É nessa carta que o poeta vai começar a revelar o verdadeiro caráter daquele que se dizia piedoso e benevolente. Comparando-o a Nero que no início do seu governo obedecia a todas regras do bom governo, pouco a pouco foi trocando, como o próprio texto diz “o cetro de ouro pela mão de ferro” e assim se deu com Minésio. Indo sempre a igreja prostrando-se diante do altar e ali mesmo fingindo devoção e benevolência, dá ordens de soltar das prisões todos aqueles que em três dias não tiverem seus crimes confirmados. Um desmando gravíssimo na visão de Gonzaga que percebe aí a vontade do governador de não se comprometer com querelas que, mais tarde poderiam colocá-lo em situações desagradáveis, como por exemplo mantendo preso alguém que era da confiança de pessoa ilustre em Vila Rica. O propósito do fanfarrão é permanecer no poder mesmo que para isso precise cometer inúmeras arbitrariedades e ferir a muitos para privilegiar poucos, como é comum a todos os governadores autoritários. A última linha da carta faz referência às macaquices cometidas pelo Fanfarrão; uma alusão aos atos de chorar, ajoelhar-se e rezar apenas como uma farsa para dar a impressão de que tudo o que faz é verdadeiro, mas na realidade tudo não passa de um fingimento. Como um macaco que imita o ser humano assim age o general de Chile; empenhado em imitar aqueles que quer impressionar e desta feita assegurar não só o seu posto mas que as regalias que conquistou perdurem por muito tempo ainda.

A Carta número nove vai dar notícias das desordens executadas pelo Fanfarrão nas tropas. Comparando-os a Judas, o traidor e aos lutadores contra os dogmas Lutero e Calvino, Gonzaga enumera várias situações onde apresenta personagens históricos como os citados e situações em que muitos santos se fizeram para depois enxovalhar as “ordens” do Fanfarrão:

CARTA 9ª

Em que se contam as desordens que Fanfarrão obrou no governo das tropas.

Há, nesta capital, um regimento
De tropa regular, a quem se paga.
Tu sabes, Doroteu, que não há corpo
Que todo de iguais membros se componha.
40 -- Das ordens mais austeras, que fizeram
Os santos penitentes patriarcas,
Saíram, contra o trono rebelados,

Os infames Clementes, e saíram
Contra o dogma, os Calvinos e os Luteros;
45 -- O mesmo Apostolado teve um Judas.
Se isto pois, Doroteu, assim sucede
Nos corpos, que se formam de escolhidos,
Que não sucederá, nos grandes corpos,
Aonde se recebem as pessoas
50 -- Que timbre fazem, dos seus próprios vícios?

Mostrando que os próprios vícios muitas vezes são os causadores dos maiores males que atingem não só quem os tem mas também aqueles que estão sob a sua proteção ou sob o seu comando. Nesse trecho ao nomear Judas o autor procura dar um caráter de traidor ao personagem que está satirizando. Falando de traidor que foi participe de uma espécie irmandade e, para tanto foi escolhido para dela participar e mesmo sendo escolhido traiu o seu mentor, quem dirá alguém que faz parte de um “grande corpo” como o próprio autor denomina a máquina governamental que possui tantos “mentores”, tantos apóstolos que não se intimidam em cometer não só pequenos deslizes mas, dão-se ao luxo de cometerem crimes graves para privilegiarem a si a aos seus.

CARTA 10ª

Em que se contam as desordens maiores que Fanfarrão fez no seu governo.

Tu mil vezes
Nos meus olhos já leste os meus afetos,
30 -- Não careces de os ler nos meus escritos.
Perdoa, pois, que eu gaste as breves horas
A contar as asneiras desumanas
Do nosso Fanfarrão ao caro amigo.
E tu, meu Doroteu, antes que leias
35 -- O que vou a contar-te, jurar debes
Pelos olhos da tua amada esposa,
Por seu louro cabelo, e pelo dia
Em que viste, na sua alegre boca,
O primeiro sorriso, que não hás de
40 -- Duvidar do que leres, bem que sejam
Desordens que pareçam impossíveis.

A Junta, Doroteu, a quem pertence
Evitar contrabandos, prende, envia
À sabia Relação do Continente
45 -- A trinta delinquentes, para serem
Castigados conforme os seus delitos.
Entende o nosso chefe que esta Junta
Não devia mandar aos malfeitores
Sem sua autoridade, e dela toma
50 -- O mais estranho, bárbaro despique:
Manda embargar aos presos na cadeia
Do nosso Santiago, e manda ao pobre
Do condutor meirinho que os sustente,
Assistindo também aos que enfermarem
55 -- Com médicos, remédios e galinhas.
Acaba-se o dinheiro que lhe deram
Para fazer os gastos do caminho;
Recorre, neste aperto, ao bruto chefe,
Expõe-lhe que não tem com que alimento
60 -- Ao menos a si próprio; pede e roga
Que o deixe recolher à pátria terra,
Para nela exercer seu pobre ofício.
Tão terna rogativa não merece
Do chefe a compaixão; antes lhe ordena
65 -- Que assista, como dantes, aos culpados
De todo o necessário, na enxovia;

Que, a faltar-lhe o dinheiro para os gastos,
 Ou que o peça, ou que o fure. Caro amigo,
 Da boca de uma Fúria sairia
 70 -- Mais dura decisão? Por que motivo
 Deve um pobre meirinho dar sustento
 A mais de trinta presos? São seus filhos?
 E, ainda a serem filhos, um pai justo,
 Que fazenda não tem, vive obrigado
 75 -- A sustentar infames malfeitores,
 Por meio de culpáveis latrocínios?
 Suponho, Doroteu, suponho ainda
 Que a Junta fez excesso na remessa
 Dos presos, sem licença. Neste caso
 80 -- Merece o condutor algum castigo?
 Ele fez outra coisa que não fosse
 Cumprir o que mandaram seus maiores?
 Podia repugnar-lhes, sem delito?

Este trecho da Décima Carta é um dos mais sensíveis do texto pois Gonzaga vai fazer alusão ao amor e devoção paternas que devem sempre prover o sustento para os filhos mesmo que esses sejam malfeitores como está descrito no texto. O Fanfarrão manda que os presos sejam sustentados pelo meeirinho pois esses são de sua inteira responsabilidade: precisa alimenta-los, prover abrigo e quando são acometidos de doenças, médico e remédios. Passa a terceiros os encargos que seriam de inteira responsabilidade do Governador, ausentando-se assim de mais essas tarefas. Sem oferecer condições, pois os gastos precisam ser redirecionados para outras instâncias o que naturalmente não seria os gastos com aqueles que de algum modo causaram problemas tanto para a sociedade como para o governo. Critilo está indignado com tudo o que está narrando para o amigo Doroteu e pede que esse jure por tudo o que lhe é mais sagrado acreditar nas suas palavras pois ele narra simplesmente a verdade, nada mais além dela.

Nos últimos versos o poeta faz um questionamento perguntando a si e ao seu interlocutor qual seria a culpa daqueles que simplesmente cumprem as ordens que recebem. Critilo parece querer ausentar de culpa os comandados e assim colocar a culpa por tantas desordens existentes em Chile em um único comandante, pois os executores de suas ordens nada tem a ver com as ordens que recebem pois se essas ordenassem exatamente o contrário assim mesmo eles deveriam cumpri-las. Nesta carta fica mais do que evidente que apesar do Fanfarrão ter a sua volta inúmeras pessoas que estão aproveitando-se da situação, muitos são aqueles, seus comandados que apenas executam ordens sem sequer poder opinar sobre o que elas dizem.

O penúltimo trecho escolhido para a nossa análise está contido na Carta número treze e é um comentário mordaz de Critilo para Doroteu que diz respeito não somente aos (des)governo do Fanfarrão mas a todos aqueles que se servem do governo e também da religião para poderem alcançar os seus objetivos:

CARTA 13ª

Não há, meu Doroteu, não há um chefe,
 Bem que perverso seja, que não finja,
 Pela religião, um justo zelo,
 E, quando não o faça por virtude,
 Sempre, ao menos, o mostra por sistema.

Aqui Critilo nos fala do caráter duvidoso que todo chefe tem em potencial. Não há uma referência clara a Minésio mas é uma crítica generalizada aqueles que diante da Deus, ou melhor, diante dos ditos representantes dele e que na maioria das vezes têm interesse comuns com os “fanfarrões” fingem e acreditam nesse fingimento que como Fernando Pessoa descreveu em um de seus poemas fingir sentir uma dor que não existe mas que de tanto fingir ela acaba existindo e torna-se a pior das dores. Esses fingimentos aos olhos dos incultos e incautos parecem ser a mais pura verdade pois exprimem um sentimento supostamente verdadeiro de compaixão e, claro de inocência.

Como a virtude não é um dos atributos mais valorizados pelo poeta no Fanfarrão ele também a descreve como um fingimento, o melhor deles pois é ele que o faz obter os seus favores e assim deixar transparecer uma aura de que nada de ruim pode vir de alguém como ele. Fingir, fingir sempre é essa a meta de todo chefe para conseguir manter-se no poder e assim continuar e perpetuar os seus desmandos sem dar contas a

ninguém. Muito menos a Deus, pois este está devidamente vendado por seus representantes terrenos mais interessados em usufruírem dos desmandos dos fanfarrões espalhados pelo mundo.

As Cartas Chilenas encerram-se com uma epístola a Critilo escrita por Doroteu onde o amigo vai tecer alguns comentários sobre tudo o que foi discutido ao longo das treze cartas onde foram descritos de maneira irônica e mordaz o governo de Minésio. Repleta de referências mitológicas greco-romanas como era comum a toda a produção literária da época, pois os poetas buscavam a inspiração para suas composições na pureza dos pastores gregos que munidos de sua flauta de Pã, faziam composições inocentes e doces para suas amadas. Mas as referências existentes nesta epístola estão longe desse lirismo. Elas evocam as divindades vingadoras e promotoras da justiça, pois essa há muito anda desaparecida. Fazendo uma referência a animais nobres que muitas vezes acabam não gerando outros iguais Doroteu procura oferecer um pouco de conforto ao amigo. Eis o trecho da epístola em que o autor vai se referir a animais nobres que geram animais nem tão nobres assim:

EPÍSTOLA A CRITILLO

Nem sempre as águias de outras águias nascem,
Nem sempre de leões, leões se geram,
Quantas vezes as pombas e os cordeiros
São partos dos leões, das águias partos!

As águias e os leões são animais nobres, valorizados sempre pela coragem e nobreza. O cordeiro e a pomba são animais frágeis, covardes que diante do menos perigo procuram logo abrigar-se e jamais enfrentar corajosamente os inimigos e as adversidades. Leões e águias são predadores e por isso mesmo são considerados animais símbolos de força e poder que não medem esforços seja para defenderem suas crias como para se defenderem e enfrentarem inimigos. Doroteu procura confortar Critilo: muitas vezes leões e águias dão à luz pombas e cordeiros que ao menor sinal de perigo não seguem o exemplo dos pais mas acovardam-se.

Assim se dá com os governantes: mesmo pertencendo a nobres estirpes muitas vezes não as honram preferindo as facilidades que lhes são dadas e assim caírem no jogo da corrupção, pois essa opção torna-se infinitamente mais fácil do que permanecer distante das tentações que um cargo de responsabilidade oferece. Ao tentar confortar o amigo Doroteu oferece uma explicação do que acontece com o homem quando esse alcança uma posição destinada a uma águia ou um leão e ele é apenas uma pomba ou um cordeiro.

Essas *Cartas Chilenas* escritas por um magistrado como Tomás Antônio Gonzaga que viu não só a posição que ocupava ameaçada como viu muitos de seus amigos serem prejudicados por um governante que buscava não só a satisfação pessoal mas também agradar aqueles que o manteriam em tal posição. No setecentos é construída uma dura crítica ao governo daquele que era responsável pela administração da Vila Rica fornecedora de ouro para a coroa portuguesa. Diante de tantas tentações – fossem elas políticas, sociais e financeiras – seria difícil não sucumbir!

Conclusão

As cartas compostas por Tomás Antônio Gonzaga para exteriorizar o seu descontentamento com o governo de D. Luís da Cunha Menezes foram importantes na época em que foram escritas não só para deixar irritado o governante – um dos intuitos alcançados pelo autor – mas para criticar e mais ainda fazer chegar aos ouvidos e olhos tanto dos mais abastados como dos menos favorecidos as atrocidades que eram cometidas por alguém que possuía plenos poderes em nome da coroa portuguesa de cometer crimes que jamais seriam punidos pois estes estavam mascarados por ordem governamentais.

A importância de tal obra literária capaz de registrar pela poesia e pela ficção atos de vilania e corrupção é realmente singular. Carregando em suas linhas críticas profundas ao governo e descrevendo cada desmando com detalhes de quem trava uma conversa com um amigo e com ele comenta “quais são as últimas” é algo que não foi comum apenas a poetas e intelectuais das Minas Setecentistas mas que permanecem atuais. Fazendo rir, o poeta faz pensar também: por intermédio da jocosidade com as palavras e as descrições o poeta faz o seu leitor ponderar sobre a situação que vive. Ridicularizando atitudes, pessoas, fatos é possível tecer uma crítica talvez muito mais mordaz e ácida. O poder do riso que desde a Antigüidade tem sido

utilizado para ridicularizar os defeitos no outro aqui presta-se a realizar uma dura crítica.

Em tempos em que as cartas ainda eram um objeto importante não só de comunicação e relações interpessoais, elas também se prestavam a divulgar as críticas e os desmandos cometidos por governantes e coube aos poetas satirizarem isso e imortalizarem em forma de poesia.

A crise representada na Cartas Chilenas durante o período de 1783 a 1788 reflete o delicado momento em que Vila Rica esteve sob o governo autoritário. Atualmente o Brasil enfrenta uma crise – não se pode considerá-la a mais grave já enfrentada, mas a situação é complicada! – corrupção e corruptos são expostos a todo momento pela mídia tanto televisiva como impressa – mas as denúncias são feitas com mais frequência a cada momento e as providências tardam.

A sátira ainda é algo importante nesse momento. Vemos como ela muitas vezes traz um efeito mais contundente do que a mais perfeita crítica escrita num grande jornal.

É a literatura que mais uma vez vai nos fornecer os subsídios necessários para que possamos entender e decodificar as complexas relações sociais que foram a inspiração para a construção de uma obra ficcional mas que carrega na crítica e oferece assim ao público leitor e aos estudiosos um rico material para entender um dado momento histórico.

As lições das *Cartas Chilenas* ainda hoje são fundamentais não só para se compreender o funcionamento e a estrutura social das Minas no final do setecentos e as críticas feitas a esse período, mas elas são úteis e importantes para se compreender as intrincadas relações de poder e de corrupção que infelizmente norteiam os governos e governantes que passaram e passam pela Vila Rica do Brasil.

Notas

¹ A historiografia mais atualizada, entretanto, tem destacado sua importância na organização inconfidante de 1789. (...) Um dos mais principais líderes intelectuais do movimento, destacado com a incumbência da elaboração das leis e da constituição do novo Estado, bem como da formulação ideológica para o rompimento com Portugal. (...) Seu envolvimento com a Inconfidência tem sido explicado em função de seu profundo descontentamento com a cobrança oficial das dívidas e com o afastamento de certas pessoas de cargos importantes da capitania. No conjunto de sua obra literária, destaca-se *Marília de Dirceu*, publicado parcialmente ainda em vida do autor, entre 1792 e 1799, tido como o conjunto das poesias mais amorosas e suaves da língua portuguesa. Escreveu ainda o *Tratado de direito natural*, dedicado a Pombal, e as célebres *Cartas chilenas*, texto em que o poeta Critillo conta a *Doroteo os fatos do fanfarrão Minésio*, governador do Chile: uma sátira a Luís da Cunha Menezes, governador de Minas entre 1783 e 1788. (*Dicionário do Brasil Colonial (1500 – 1808)*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000, p. 550, 1).

² Em Vila Rica, Ouro Preto de hoje, encontrou sossego e paisagem bucólica para exercício da magistratura e ofício de poeta que aliava à mestria retórica as leituras que lhe haviam inspirado a tese sobre “Direito Natural”. Mas logo a repagada existência da vila se iria agitar, inquietada pela presença do novo governador, Luís da Cunha Menezes, que viera de Goiás e ancorara em Vila Rica, à espera de que antecessor sarasse de um andaço de bexigas, a interferir na burocracia do governo. Este Luís da Cunha Menezes era brutal no seu autoritarismo e o próprio Gonzaga registra que, para o governador, o poder de que se achava investido era “supremo”; arrebatou um condenado à morte das mãos da justiça, dava contratos aos seus afilhados, ainda que sem abono; acusava o Ouvidor poeta, revidando as acusações deste. Situação difícil; aparecem anônimas, as “*Cartas Chilenas*”, em versos de metro impecável; o governador Menezes se reconhece retratado em *Minésio*, o *Fanfarrão Minésio*, e, como todo opressor, fica irritadíssimo; devia escabujar de raiva”, diz o biógrafo do poeta. (PROENÇA: 1975 – 5,6).